

## **REFLEXÕES SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE: O QUE O CURRÍCULO TEM A VER COM ISSO?**

Eixo Temático: **EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE**

Forma de Apresentação: **RESULTADO DE PESQUISA**

Kedma Elisandra Zanetti<sup>1</sup>  
Harryson Júnio Lessa Gonçalves<sup>2</sup>

### **RESUMO**

Este artigo propõe uma reflexão sobre como estão associados os conceitos de identidade, gênero e relações de poder e como essas questões estão articuladas com o currículo. O texto teve o método dialético como orientador do processo de investigação e de análise e a pesquisa bibliográfica como caminho metodológico. É imprescindível que o currículo questione a masculinidade e as formas de violência; que possa ser espaço de questionamento da heteronormatividade.

**Palavras-chave:** Identidade. Gênero. Currículo.

### **1 INTRODUÇÃO**

Este trabalho visa refletir sobre como estão associados os conceitos de identidade, gênero, relações de poder e como essas questões apresentam-se relevantes no currículo escolar, visto que a sexualidade tornou-se tema de operações políticas, intervenções econômicas e de campanhas ideológicas de moralização (FOUCAULT, 1988). Bento (2011) destaca que os alunos que rompem com a heteronormatividade são vítimas constantes da homofobia, o que impacta nos sentimentos, na dignidade e no desempenho escolar. Esses sujeitos são excluídos, inferiorizados, e acabam por abandonar a escola. A autora afirma que a instiruição escolar mostra-se incapaz de lidar com a diferença e a pluralidade, contribuindo com a reprodução e produção das normas de gênero e heterossexualidade. Por isso, é importante que o tema da diversidade sexual e de gênero esteja incluído no currículo de formação dos professores, para que assim, os “novos/as professores/as [possam] desenvolver futuramente estratégias de resistência ao currículo heteronormativo” (ALTMANN, 2013). E ainda, quando a temática da sexualidade é trazida no currículo e faz parte da formação docente, dá legitimidade aos professores para falar sobre o assunto e trabalhá-lo em sala de aula.

---

<sup>1</sup>Atua como professora dos anos iniciais da Educação Básica na Prefeitura Municipal de São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil. Faz parte do GEPAC - Grupo de Pesquisa em Currículo: Estudos, Práticas e Avaliação. Mestranda em Ensino e Processos Formativos, pela Universidade Estadual Paulista 'Júlio de Mesquita Filho' (UNESP).

<sup>2</sup>Livre-docente em Didática e Currículo pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP) e doutor em Educação Matemática pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP); credenciado no Programa de Pós-Graduação em Educação para a Ciência (Faculdade de Ciências da UNESP – Câmpus de Bauru) e no Programa de Pós-Graduação em Ensino e Processos Formativos (FEIS/UNESP). É coordenador do Grupo de Pesquisa em Currículo: Estudos, Práticas e Avaliação (GEPAC). Ilha Solteira, São Paulo, Brasil. Professor Associado da Faculdade de Engenharia da UNESP – Câmpus de Ilha Solteira (FEIS/UNESP).

## 2 METODOLOGIA

Para que se fosse alcançado tal objetivo, foi utilizada a pesquisa de tipo qualitativa e teve o método dialético como orientador do processo de investigação e de análise realizado. O caminho metodológico adotado foi o da pesquisa bibliográfica. Consistiu inicialmente na escolha do tema e logo depois foi realizado um levantamento bibliográfico preliminar. A partir das leituras foi elaborado o problema de pesquisa, na sequência buscou-se autores relevantes para a discussão e após o processo de seleção dos textos, foi realizada a leitura e fichamento do material, em seguida a organização do assunto para a redação do texto.

## 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Observamos que o avanço das tecnologias contribui para que estejamos em diversos lugares ao mesmo tempo, mesmo que virtualmente e permite que consumamos produtos culturais de diversos lugares do mundo, o que Hall (2001) define como efeitos da globalização. Por isso não é possível definir identidade hoje como sendo fixa ou imutável, uma vez que recebemos influências de diversos discursos e culturas. As identidades estão fragmentadas e não são mais fixas, são formadas e transformadas constantemente a partir das nossas relações com o outro, interações com o mundo, com as diversas culturas, com os diversos discursos, que nos perpassam. Quanto a identidade de gênero, esta é o papel representado socialmente, a autopercepção do sujeito sobre si mesmo, a maneira como a pessoa se expressa socialmente. O que Butler (2015) afirma ser produto das relações de poder. Já a sexualidade é construída por meio dos discursos de poder formulados histórico e socialmente, a partir de uma visão masculina e heterossexual (BUTLER, 2015). Para a autora, gênero está relacionado ao discurso cultural hegemônico, ou seja, é construído pelo discurso de poder vigente baseado nas estruturas binárias, o qual entende como gêneros inteligíveis, aqueles que obedecem à lógica entre sexo biológico, gênero e orientação sexual.

Visto que o currículo é o que direciona o processo escolar, propaga os interesses dos grupos e classes dominantes expressando assim as relações sociais de poder existentes no nesse campo; como também contribui na formação de identidades individuais e sociais, reforçando essas relações de poder (MOREIRA; SILVA, 1994) e uma arena política; então o currículo também precisa ser local de legitimidade das identidades de gênero, para que tenhamos um currículo e conseqüentemente, uma educação mais democráticos. Como a sociedade é construída a partir de valores heteronormativos e as demandas sociais estão todas na escola, a heteronormatividade também se faz presente nessa instituição e isso também é currículo. Nesse sentido, o currículo precisa contemplar o outro, de maneira a não mais excluí-lo ou evidenciá-lo de maneira negativa. Contudo, não falar sobre essas questões, implica em contribuir para o silenciamento, invisibilidade e exclusão das pessoas que não correspondem às normas.

## CONCLUSÃO

---

É possível considerar que o estudo sobre identidade é indissociável do estudo da sociedade, pois identidade e sociedade estão intimamente relacionadas, visto que as identidades mudam conforme a sociedade também muda. As identidades, conjunto de características culturais e sociais que singulariza cada ator social, são culturalmente produzidas, inclusive as identidades gênero também são transitórias. E gênero, diferente de sexo biológico, também é cultural, pois aprendemos a ser homens e mulheres a partir do discurso, pautado na heterossexualidade, do que é ser homem e mulher. Gênero também é identidade, algumas pessoas encaixam-se no gênero atribuído a elas, outras não. Essas pessoas

que não se adequam precisam o tempo todo lidar com os olhares, com os questionamentos, com avaliações das instituições. É urgente que nos questionemos sobre o porquê de algumas características definirem a identidade de gênero e o motivo de darmos tanta atenção a elas.

A escola muitas vezes configura-se num espaço de opressão para com os sujeitos que rompem com a heteronormatividade, mostra-se incapaz de lidar com as diferenças e a pluralidade sexual. Ela precisa ser local de afeto, de cultura, de conversa, precisa ser espaço democrático de liberdade de expressão de gênero. Essas situações exigem enfrentamento, exigem reflexão sobre como incluir a população que rompe com a heteronormatividade no currículo escolar.

Em suma, a sexualidade precisa estar no currículo além das questões biológicas, que também são importantes, mas não são suficientes. Pois, quando tratamos a sexualidade apenas pelo viés biológico, estamos defendendo a ideia de que sexo só serve para a reprodução. Faz-se necessário que a escola trabalhe numa perspectiva positiva as questões da diversidade sexual, que as universidades formem professores para lidar com essas questões e que o currículo possa ser espaço de se problematizar a heteronormatividade.

## REFERÊNCIAS

ALTMANN, Helena. Diversidade sexual e educação: desafios para a formação docente. **Sex., Salud Soc.** (Rio Janeiro), Rio de Janeiro, n. 13, p. 69-82, abr. 2013. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1984-64872013000100004&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-64872013000100004&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 10 set. 2018.

BENTO, Berenice. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v.19, n.2, p. 549-559, mai./ago. 2011. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2011000200016&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2011000200016&script=sci_abstract&tlng=pt)>. Acesso em: 18 fev. 2019.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade**. 8. Ed. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 2015.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: a vontade de saber**. 21.reimp. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 5.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa; SILVA, Tomaz Tadeu da. Sociologia e teoria crítica do currículo: uma introdução. In: MOREIRA, Antônio Flávio; SILVA, Tomaz Tadeu (Orgs.). Currículo, cultura e sociedade. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1999.